

O SUPOSTO SABER PARA LACAN E O EU HERMENEUTICUS. É POSSÍVEL UMA APROXIMAÇÃO?

Isadora Pastore¹

RESUMO

Neste artigo pretendemos esclarecer o conceito de lugar de *suposto saber* para Jacques Lacan, bem como realizar possíveis aproximações com o conceito de *eu hermenêutico* da filosofia hermenêutica. Para tanto, usaremos como metodologia a análise conceitual. Para Lacan, o conceito da posição do analista dá-se como aquele que não possui todo o conhecimento acerca do outro. Esta posição está calcada no processo de transferência, ou seja, o que acontece na relação analista e analisante que perpassa pelo campo da fala e inicialmente se constrói em uma relação de afeto, compromisso e confiança no analista. Já para Rohden, a partir da filosofia hermenêutica, o *eu hermenêutico* é o lugar do filósofo que se coloca em uma postura de troca com o outro; aquele que se propõe a ouvir e compreender o mundo alheio sem dominá-lo. Em ambas as teorias encontramos aproximações no que se designa enquanto campo da fala, linguagem e interpretação.

Palavras chave: Psicanálise; hermenêutica; fala; transferência; compreensão.

THE SUPPOSED KNOWLEDGE FOR LACAN AND THE HERMENEUTICUS I. IS AN APPROXIMATION POSSIBLE ?

ABSTRACT

In this article, we aim to clarify the concept of the supposed place of knowledge for Jacques Lacan, as well as explore possible connections with the concept of the hermeneutic self in philosophical hermeneutics. To do so, we will use conceptual analysis as our methodology. According to Lacan, the concept of the analyst's position arises as one that does not possess complete knowledge about the other. This position is grounded in the process of transference, meaning what occurs in the relationship between analyst and analysand, which traverses the realm of speech and initially builds upon a relationship of affection, commitment, and trust in the analyst. On the other hand, according to Rohden, drawing from philosophical hermeneutics, the hermeneutic self is the philosopher's position that involves engaging in an exchange with the other; one who endeavors to listen and understand the world of the other without seeking to dominate it.

¹Psicóloga (UNISINOS), Psicanalista (Associação Clínica Freudiana), Mestranda de Filosofia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, bolsista CAPES/PROSUC.

In both theories, we find similarities in what is designated as the field of speech, language, and interpretation.

Keywords: Psychoanalysis, hermeneutics; speech ; transference ; understanding.

Considerações Iniciais

Para a psicanálise Lacaniana, a questão central do tratamento gira em torno da relação estabelecida entre analista e analisante, a qual se denomina “transferência”. A transferência é criada a partir dessa interação, que perpassa pelo campo da fala, da troca e do que é construído entre o par. Para tanto, o analista precisa colocar-se no lugar subjetivo de um suposto saber, ou seja, ter conhecimento de que não se sabe tudo sobre o outro, lançando mão de uma postura de escuta e de desejo de aproximação do mundo do analisante sem invadi-lo; uma compreensão da realidade interna do mesmo, para que assim se estabeleça um espaço onde o alívio dos sintomas possa acontecer.

Tal posição é muito importante para que não sejam incutidos desejos e dogmas do próprio analista em seu analisante. Assim sendo, este artigo visa realizar possíveis aproximações da teoria do *eu hermeneuticus*² com a teoria lacaniana, a fim de compreendermos as posições subjetivas que fazem com que se possa estabelecer o laço intersubjetivo. Para FERNANDES (2003, pg 51):

A ideia de um entrelaçamento psíquico intersubjetivo é correlata de outra que se refere a uma estrutura da psique na intersubjetividade, sendo o aparelho psíquico constituído de lugares e processos que contêm ou introjetam as formações psíquicas de mais de um outro num feixe de traços, marcas, vestígios, emblemas, signos e significantes, que o sujeito herda, recebe e deposita, transforma e transmite.

² O *eu hermeneuticus* trata-se de um conceito criado por Luiz Rohden, inspirado pela hermenêutica Gadameriana para designar o filósofo que se propõe a deixar de lado a postura de alguém que se fecha em seu próprio conhecimento e abre-se para conhecer e respeitar o mundo do outro, sem necessariamente concordar com tudo o que está lhe sendo dito. Esta postura se opõe à postura do tirano e do manipulador.

Portanto, a ideia de intersubjetividade contrapõe o senso de individualismo, sendo importante para pensarmos sobre a possibilidade do uso da fala como construtora de vínculos que não remetam a um eu poderoso, constituindo-se em objeto de abertura para ambas as partes da relação, evitando as formas individualistas e ditatoriais de relacionamentos. Estas posições subjetivas podem dar pistas sobre a forma com a qual o indivíduo se posiciona na interação com o outro. Por isso, abriremos espaço para a compreensão de como estes fenômenos se dão na filosofia hermenêutica e na psicanálise.

Na filosofia hermenêutica baseada na teoria de Hans Georg Gadamer, Rohden (2022) traz o exemplo de três dimensões da relação *eu-tu*. A primeira está fundamentada no indivíduo que não tem uma abertura para ouvir o próximo; que pretende apenas ouvir a si mesmo, ditando regras e dogmas que fazem com que o mesmo não consiga colocar-se no lugar de ouvinte e de compreensão do outro. A segunda assume a postura de um eu que escuta, mas que não tem real interesse em compreender o que o outro pensa, e mesmo que haja uma abertura a utiliza apenas para manipulação e controle.

Já na relação do *eu hermeneuta*, o indivíduo possui desejo de ouvir, de compreender e de conhecer o mundo de outrem. Para tanto, através da fala pode-se construir um relacionamento legítimo, onde as duas partes possam sentir-se respeitadas e ouvidas, existindo a possibilidade de que o mundo de ambos seja tocado e afetado.

Assim, a partir do pensamento do *eu hermeneuticus*, realizaremos possíveis aproximações das duas teorias, para que possamos refletir acerca da possibilidade de uma escuta psicanalítica, onde o indivíduo sintá-se de fato ouvido e compreendido com o suporte da teoria lacaniana. Primeiramente, iremos contextualizar os conceitos de transferência e de suposto saber para Lacan (1901/1981). Após, explanaremos o conceito dos *eus-antípodas* e do *eu hermeneuticus* e, por último, realizaremos a tentativa de correlacioná-los, a fim de descobrirmos se existe a possibilidade de uma teoria enriquecer a outra teoricamente.

1 A relação de suposto saber para Lacan e a transferência

A relação que se estabelece entre analista e analisante na psicanálise é chamada de “transferência” (LACAN, 2010). É a partir do fenômeno da transferência que existe possibilidade da análise propriamente dita se iniciar. Esta relação está intrinsecamente ligada ao fato de que, inicialmente, o analisante busca na análise um lugar onde possa relatar sobre sua vida. Movido pelo desejo de encontrar um lugar de escuta e de acolhimento para seu sintoma, esta relação passa a ser construída a partir de honestidade, afeto e compromisso com o processo de análise. O analista, portanto, coloca-se no lugar de escuta e de um suposto saber – este saber é o saber que não se sabe. É uma construção que acontece no encontro, no ato, e percorre a via da palavra, já que para Lacan é onde encontra-se o inconsciente.

Jacques Lacan (1999) destaca que é através da via da palavra que o tratamento pode acontecer e trazer algum alívio para o sintoma do analisante. Esta transferência estabelecida no tratamento é também uma relação em que são construídas ligações afetivas; ligações de amor de transferência que são capazes de atualizar vivências de relacionamentos passados. Pisetta (2011) traz a ideia de que a transferência surge como atualização (colocação em ato) da realidade do inconsciente. Neste sentido, tal realidade, essencialmente ambígua, com causa na transferência, também encontra-se, pela definição, questionada em sua proximidade com a repetição, que mostra mais claramente uma realidade honesta. Gobatto (2001, pg. 103) cita:

Não é contingência se o conceito de transferência em psicanálise está atrelado à expressão “amor de transferência”; trata-se de uma transcrição da observação clínica, em que o amor enquanto repetição significativa fixa-se na figura do analista, e este serve-se deste ocorrido como instrumento motor da direção da análise. Uma vez que a transferência implica indubitavelmente o analista, a questão é saber de que maneira e como este responde ao apelo do dito amor. Entretanto, a expressão “amor de transferência” não significa apenas a presença do afeto amor em relação ao analista, trata-se da manifestação de um conjunto de fenômenos produzidos pela tarefa do analisando, pelo trabalho do analisando em associação livre, que, juntamente com o silêncio do analista, determinarão uma estrutura para a transferência.

Para o mesmo autor, não se trata de um apaixonamento pelo analista, embora tais fatos já tenham sido descritos no campo da psicanálise. O que acontece é que a figura do

psicanalista percorre no campo imaginário da nossa civilização há mais de um século, e o significante profissional aparece enquanto detentor de um saber – o saber do inconsciente e daquele que sabe sobre as profundezas da alma humana.

O analista como tal, coloca-se neste lugar de um suposto saber, pois sabe que é na relação onde se estabelece um possível conhecimento do indivíduo. Esta é a posição de quem escuta e de quem ajuda a compreender e construir o mito individual daquele que o fala (LACAN, 2007). É esta rede de significantes, prévia ao sujeito, que está descrita pelo axioma "sujeito suposto saber", e tudo o que nela comporta de pretensas definições acerca da verdade do sujeito pode se caracterizar como o início do processo de análise do inconsciente.

Entretanto, apesar de o analisante acreditar que o analista tem o saber que o completaria, o que realmente está em jogo é o que constitui a transferência (LACAN, 2010), a partir de sua estrutura no suposto saber. Trata-se da "ilusão fundamental, estrutural, de que seu saber – o saber do inconsciente – já está todo constituído no psicanalista". Este é colocado em uma posição de autoridade e expertise, considerado como alguém que pode acessar e interpretar os processos mentais e os conteúdos inconscientes de forma mais profunda do que o paciente. Esta atribuição de conhecimento especial é fundamental para a dinâmica do processo analítico, pois o paciente busca no analista a compreensão e o insight que ele próprio não consegue alcançar sozinho.

Esta ilusão inicial – o analista sabe tudo sobre o analisante – faz a relação transferencial acontecer, dissolvendo-se, aos poucos, à medida que o analisante compreende a posição do analista de colocar-se na posição daquele que não sabe.

Segundo Rinaldi (2020), o que o analista precisa reconhecer é, portanto, o não sabido no contexto do saber inconsciente, onde, a partir da sua ausência surge a invenção de novas narrativas.

Desta forma, Lacan (1986), em *O seminário I, os escritos técnicos de Freud*, afirma que a transferência é o ato da palavra, em sua essência. Cada vez que um homem dialoga com outro de forma autêntica e plena, no sentido próprio da transferência –

transferência simbólica – transformações internas acontecem e mudam a natureza dos dois seres em presença.

Porge (2006), trata a transferência como força operadora do laço intersubjetivo entre analista e analisante. Mais à frente, para Lacan, a transferência é impossível de ser pensada, a não ser tomando-se partida no suposto saber. Porge (2006, pg 274) defende:

O suposto saber, a partir de 1964, constitui um eixo em torno do qual gira a questão da transferência, e isso vai ocorrer até o último seminário de Lacan é, portanto, como qualquer significante, portador de equívocidade. Esta equívocidade promove as inversões de sentido, e por essa razão autoriza uma inversão da posição do sujeito na transferência, tornando desse modo concebível, desde o início, um final para ela, portanto o verbo saber na análise lacaniana pode ser entendido no sentido transitivo ou intransitivo.

A partir do pressuposto de que podemos conceituar a transferência enquanto há possibilidade de que se crie, na relação, algum saber no indivíduo, pode-se pensar que a fala é a questão em jogo. Cogita-se, também, que o jogo da linguagem³ dá origem ao campo denominado “enquanto suposto saber”, o qual acena a possibilidade de algo novo surgir entre o analista e o analisante, caracterizando-se não como um elemento estático, mas sim como um saber intrinsecamente transitivo.

Desta forma, apresentaremos um apanhado do conceito *eu hermeneuticus*, a fim de compreendermos de que maneira a filosofia hermenêutica pode colaborar conceitualmente, com a noção de suposto saber, com a psicanálise, e se de alguma forma as teorias podem complementar-se quando estamos falando dos jogos de linguagem e da escuta.

³ Segundo Wittgenstein (1980), cada forma de linguagem, seja uma palavra, uma frase ou uma expressão, faz parte de um "jogo de linguagem". Um jogo de linguagem é um conjunto de práticas e atividades que envolvem o uso da linguagem em um contexto particular. Esses jogos de linguagem são regidos por regras implícitas que determinam como as palavras e expressões devem ser usadas e interpretadas. Wittgenstein argumenta que o significado das palavras e expressões não é algo fixo ou absoluto, mas é determinado pelo seu uso em diferentes jogos de linguagem. O significado está enraizado nas práticas sociais e nas formas como as palavras são empregadas em contextos específicos. Ele rejeita a ideia de que existe um significado essencial ou universal para as palavras fora de seu uso em jogos de linguagem concretos.

2 A filosofia hermenêutica e o *eu hermeneuticus* enquanto possibilidade de escuta do outro

Rohden (2022) define três tipos de posturas: duas dos *eus antípodas* e uma do *eu hermeneuticus*, as quais estão relacionados com as relações do *eu-tu*. Na primeira postura do *eu-tu*, o eu se relaciona com o outro de forma dominadora. Este Eu não possui interesse em entrar nos jogos de linguagem, pois utiliza o outro como mero instrumento de execução para os seus fins. Esta é uma postura que se assemelha a do tirano, o qual não se interessa em se colocar no lugar do próximo e muito menos respeitar o que o mesmo tem a lhe dizer. Para Rohden (2022, pg 403):

Sem interesse em entrar nos jogos da linguagem, está determinado a controlá-los e impor sua maneira de jogar. Esse Eu quer e pensa poder dizer e fazer tudo o que lhe convém sem levar em consideração o que não lhe diz respeito. Sem interesse em saber da existência do outro ou fazendo esforço constante para ignorá-lo, ele vê o outro como uma tecla num teclado de piano.

A postura deste primeiro tipo de relação é a daquele que não se dispõe a compreender as diferenças entre as pessoas; ele tem horror ao diferente, portanto não consegue sair do seu lugar e realizar um deslocamento de si para compreender o próximo. Rohden (2022), afirma que apenas uma simples referência a si mesmo, tratando o outro apenas como um meio e não como um fim em si, objetifica o outro e não possui desejo de ouvir o que ele tem a lhe dizer.

Já na postura do segundo tipo de relação *eu-tu*, Rohden (2022) o descreve como diferente do primeiro tipo de relação, onde não existe possibilidade de escuta. Nesta nova postura, existe uma certa abertura para o que o outro tem a dizer, mas está escorada em uma tentativa de manipulação e de controle. Desta maneira, na segunda forma de relação *eu-tu* existe desejo de ouvir, mas para compreender mais do que ele mesmo se compreende e poder exercer poder a outrem. Portanto, podemos conceber que esta forma de relacionamento visa um controle alheio, e não compreensão, visto que por mais que ele tenha abertura para a escuta, não consegue renunciar a seus ideais para conhecer de

fato a realidade do seu semelhante ou dar razão ao que ele possa dizer, fazendo com que a relação se torne um monólogo.

As primeiras duas posturas mostram uma forma de como o outro não deve ser tratado. Para Rohden (2022), ao contrário destas posturas, o *eu hermeneuticus* aparece como uma possibilidade de que exista uma forma de tratá-lo como um fim e não como um meio para algo, ou seja, de acordo com a regra de ouro da hermenêutica filosófica, “tratar o outro como gostaria de ser tratado”. O *eu hermeneuticus* é a postura do filósofo pretendente de colocar-se no lugar de uma escuta do mundo de outrem, pensar e ponderar sobre o que ele pensa. Para tanto, o hermeneuta age com empatia, colocando-se na posição daquele que oferece abertura para a compreensão da possível razão que o outro possa ter. Complementa Gadamer (1993, pg. 561):

Faz parte de toda verdadeira conversação o atender realmente ao outro, deixar valer os seus pontos de vista e pôr-se em seu lugar, e talvez não no sentido de que se queira entendê-lo como esta individualidade, mas sim no de que se procura entender o que diz. O que importa que se acolha é o direito de sua opinião, pautado na coisa, através da qual podemos ambos chegar a nos pôr de acordo com relação à coisa (GADAMER, 1993, p. 561).

Para tanto, algumas posturas éticas do *eu hermeneuta* são colocadas para reflexão. Estas posturas pautam uma ética que tem como finalidade a não dominação de outrem, que possa de fato contribuir para o crescimento deste, não instrumentalizando-o. Compreende-se que este sujeito pode ser diferente, oferecendo-lhe uma escuta que lhe possibilite sair da relação sentindo-se mais feliz e com maior autonomia.

Desta forma, Rohden (2022) sustenta a postura “abertura ao outro” como forma de colocar-se à escuta do que o seu interlocutor tem a dizer. Esta postura não quer dizer que tenha que se acatar ou concordar com tudo o que ele diz, mas que se possa ponderar, perceber e clarificar o que está sendo dito, compreendendo as diferenças subjetivas entre ambos sem envolvimento de dogmatismos.

Já a postura de “tratar o eu como um tu” resguarda a forma de tratamento que respeita a história e a alteridade de outrem, olhando para suas diferenças. O *eu hermeneuta* faz uma tentativa de compreender o indivíduo enquanto *tu*, tratando-o como

um fim em si mesmo, com uma escuta atenta e sem tentativas de inculcar-lhe ideias. Portanto, podemos conceber que o *eu hermeneuta* é um bom ouvinte, e desta forma ele é capaz de criar vínculos mais humanos com as pessoas. De acordo com Rohden (2022, pg. 409):

Ouvir significa – muito além de deixar que o outro fale – acolher a palavra do outro, levando em conta o filtro dos juízos implicados no processo de compreensão. O exercício de ouvir, por um lado, pressupõe e, por outro lado, fomenta o vínculo mútuo, o *ethos* entre eu e tu.

O *eu hermeneuticus* não apenas ouve, mas também deixa-se ser afetado pelo mundo alheio, não necessariamente acatando ou consentindo com tudo o que está sendo dito, mas deixando-se tocar pela experiência da conversação. Desta forma, ambos podem sair do diálogo de forma mais leve e mais livre, pois o *eu hermeneuticus* compreende que através do diálogo e da abertura de novas visões os dois podem evoluir e transformar-se.

3 O suposto saber para Lacan e o *eu hermeneuticus* da filosofia hermenêutica – possíveis aproximações

Possíveis aproximações entre a hermenêutica e a psicanálise são tarefas desafiadoras. Neste artigo, realizamos um recorte da filosofia do *eu hermeneuticus* para que possamos pensar mais especificamente sobre a questão da escuta e do lugar subjetivo em que tanto o psicanalista quanto o hermeneuta se colocam. Rohden (2021), parafraseando Gadamer (1993) em seu livro *Verdade e Método*, escreve: “A arte da compreensão não é necessária somente para o trato com os textos, mas também no trato com as pessoas”.

Para ambas as teorias, lacaniana e hermenêutica, podemos perceber que existe uma aproximação muito importante, a qual encontra-se na via da fala e da escuta, ou seja, nos jogos de linguagem. Lacan (1999) afirma que é através da linguagem que podemos ter acesso a questões inconscientes. Para tanto, o psicanalista subtrai-se em seu discurso

para que possa colocar-se no lugar de ouvinte, e ao utilizar-se disso evita que o discurso do mestre seja empregado, ou seja, que seu ponto de vista seja imposto.

É importante ressaltarmos que tanto na psicanálise quanto na hermenêutica, podemos encontrar algumas semelhanças, sendo uma delas o fato de que filósofos e psicanalistas abstêm-se de um saber engessado, fato que tanto se encontra na vida contemporânea, principalmente quando estamos falando de algo que se diz verdade enquanto absoluta. Este lugar engessado nega a subjetividade e as diferenças, e acaba por criar relações parasitárias. Para Pisetta (2011), na psicanálise é dever do analista não ocupar o lugar do grande outro, pois estaria invariavelmente deixando-se guiar por uma identificação com o ideal do eu do sujeito, permanecendo distante da verdade do inconsciente.

Não podemos pensar que o alívio do sofrimento venha apenas de um diagnóstico, ou de interpretações prontas que servem apenas para que o analisante se fixe em determinado modo de ser e de operar, ou do lugar no qual o analisante sinte-se objeto do analista. Mas que possamos pensar que, através da escuta atenta e que respeite a subjetividade, possamos encontrar formas, as quais, segundo Rohden (2022), possam ser representadas continuamente sem a intervenção de um ponto final (deixar de interpretar) ou definitivo (o interpretado tornado fixo), porque a temporalidade histórica marcada interpretativamente abrange temporalidades plurais.

Para tanto, na psicanálise o passado que retorna é a possibilidade de uma resignificação em ato destas temporalidades, abrindo assim um campo onde se possa realizar uma nova construção. Portanto, precisamos pensar em um lugar para o analista e o filósofo hermeneuta que perpasse pelo campo da complexidade humana que se apresenta.

Este lugar é de comum acordo para ambos e está pautado nos jogos de linguagem. Para o analista, o lugar de suposto saber é o lugar onde ele se coloca, que se permite que o analisante possa exprimir o que há de conteúdos recalçados do inconsciente, chegando mais próximo de sua verdade subjetiva, a qual se dá muito mais de modo transitivo e não de um dogma ou de uma teoria que já venha pronta. Neste quesito, podemos perceber o

quanto uma escuta é necessária para que o sujeito tire suas próprias conclusões sobre si. Como é comum de se ouvir na psicanálise – O analista dirige o tratamento, e não o analisante. Rohden (2022, pg 411), na hermenêutica filosófica, afirma:

A linguagem não se opera como se fosse um espelho cujo reflexo retrataria quem de fato somos, na medida em que ela é “uma interpretação e revitalização do que existe conosco”, por isso a abertura e a continuidade ontológicas, que a linguagem oferece ao ser em constante transformação e transbordamento, se descortinam como investimentos interpretativos em vigor enquanto houver vida e potência de significados das mais variadas ordens e intensidades.

Esta forma de ver as relações possibilita que, ao invés de se criar um campo onde a linguagem apreende o sujeito, possa se criar um laço afetivo onde ressignificações das histórias de vida e de temporalidades possam ser constituídas subjetivamente. Assim, a postura diante do outro é uma postura de humildade perante a história de vida dele. Este encontro empático é capaz de mudar algo internamente em ambos, de acordo com uma ética que permita maior liberdade e respeito à subjetividade.

Considerações finais

De acordo com ambas as teorias, podemos perceber aproximações importantes, principalmente no que diz respeito à ética da escuta e do cuidado com o outro. Além disso, tanto na hermenêutica quanto na psicanálise utilizamos ferramentas de interpretação.

A interpretação precisa, necessariamente, estar de acordo com a oportunidade de ampliação de horizontes e temporalidades por parte daquele que a recebe. Segundo Laia (2009), com este recurso um analista pode visar a articulação entre o mais singular de cada um e a vida que se apresenta.

Mais ainda, podemos perceber que em ambas as teorias a fala e a escuta são os motores que conduzem os indivíduos ao laço social, e que a forma com que cada um se coloca perante outrem traduz a maneira com a qual estabelece este vínculo. Tanto na psicanálise quanto na hermenêutica, existe a possibilidade do sujeito mudar de posição

frente ao outro, recuperando sua humanidade e ressignificando suas vivências e sua história.

Neste sentido, podemos encontrar uma interseção entre os dois conceitos. Tanto o *suposto saber* em Lacan quanto o *eu hermeneuticus* destacam o papel ativo do sujeito no processo de conhecimento e interpretação. Ambos reconhecem que a compreensão não é um ato passivo de absorção de informações objetivas, mas sim uma construção subjetiva que envolve a participação ativa do seu semelhante na interpretação e atribuição de significado.

Assim, nitidamente identificamos uma relação complementar entre estes conceitos. O *suposto saber*, em Lacan, enfoca a ilusão de um conhecimento absoluto atribuído ao analista, enquanto o *eu hermeneuticus*, na hermenêutica, destaca a importância do sujeito como agente interpretativo. Ambos ressaltam a necessidade de reconhecer a subjetividade e a influência do indivíduo no processo de conhecimento e interpretação, chamando a atenção para a complexidade e a contingência da compreensão humana.

Esta interseção entre o *suposto saber* e o *eu hermeneuticus*, portanto, convida-nos a considerar a natureza ativa e interpretativa do conhecimento humano, enfatizando a importância de estarmos conscientes das nossas próprias perspectivas, pressupostos e limitações

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Maria Inês Assumpção. O trabalho psíquico da intersubjetividade. *Instituto de Psicologia – USP Psicologia USP*. 2003, 14(3), 47-55.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método*. Tradução de Flávio Paulo Meurer. - Petrópolis, RJ : Vozes, 1997.

GOBATTO, Gilberto Gênova. Transferência: amor ao saber. Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 2001.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 1986.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 5: As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro, Ed: Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. *O mito individual do neurótico*. Rio de Janeiro, Ed: Zahar, 2007.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 8: A transferência*. Rio de Janeiro, Ed: Zahar, 2010.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 1979.

LAIA, Sérgio. *Análise e interpretação de uma efusão coletiva - os discursos, a ação lacaniana a partir de Maio de 68 e de suas conseqüências*. Revista Curinga, 2009.

PISETTA, Maria Angélica Augusto de Mello. O sujeito suposto saber e transferência. *Revista Digital AdVerbum* 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 64-73.

PORGE, Erik. *Jacques Lacan, um psicanalista, percurso de um ensino*. Ed: Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

RINALDI, Doris. Transferência e desejo do analista. Programa de pós-graduação em Psicanálise UERJ, 2020.

ROHDEN, L. (2022). Sobre o Eu Hermeneuticus como pressuposto da hermenêutica ética. *Ethic@ - An International Journal for Moral Philosophy*, v. 21, n. 2, p. 400–417. <https://doi.org/10.5007/1677-2954.2020v19n2p151>

ROHDEN, L., & Reis, M. M. (2022). Hermenêutica e psicanálise: Uma clareira comum denominada interpretação. *Veritas (Porto Alegre)*, 67(1), e42814. <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2022.1.42814>.

WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1980.

